

Colóquios de Outono 2005-2006

O PODER DAS NARRATIVAS AS NARRATIVAS DO PODER

Organização de
ANA GABRIELA MACEDO
MARIA EDUARDA KEATING



UNIVERSIDADE DO MINHO
CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS

Colóquios de Outono 2005-2006

O PODER DAS NARRATIVAS AS NARRATIVAS DO PODER

Organização de

ANA GABRIELA MACEDO
MARIA EDUARDA KEATING

UNIVERSIDADE DO MINHO
CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS

BRAGA · 2007

IN MEMORIAM

Professor Lúcio Craveiro da Silva

Título: Colóquios de Outono 2005-2006
O PODER DAS NARRATIVAS. AS NARRATIVAS DO PODER

Editor: Centro de Estudos Humanísticos
Universidade do Minho

ISBN: 978-972-8063-54-2

Depósito legal: 267519/07

Tiragem: 500 exemplares

Data de saída: Novembro 2007

Composição e impressão: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, Lda.
Rua Gabriel Pereira de Castro, 31 A e C
4700-385 BRAGA
Tels. 253 263 063-253 618 916 • Fax 253 615 350

Infidelidade

MANUEL CURADO
Universidade do Minho

I

O universo das ciências actuais parece de tal modo fragmentado que qualquer tentativa de mostrar que existe uma linguagem comum entre elas parece condenada ao fracasso. Tentativas anteriores tiveram esse resultado. A ideia de ciência universal ou de uma estrutura comum às ciências lembra a utopia política. Qualquer ser racional sabe que as utopias não são exequíveis; mas não adianta nada porque sempre se fizeram utopias e, em princípio, sempre se farão.

A unificação das ciências não é viável pela adopção de uma linguagem simbólica comum, a da lógica, a da matemática ou alguma outra semelhante, nem pela realização de projectos interdisciplinares. Se a linguagem comum e os projectos interdisciplinares não nos auxiliam a compreender a unidade das ciências, a que se deve o ar de família que todas compartilham? O que se segue é uma conjectura. O que irmana as ciências não é a linguagem, nem o método científico, nem os projectos de investigação comuns a várias disciplinas. O que é, então? A essência de todas as ciências é uma estrutura da racionalidade humana que, na falta de melhor termo, se poderia denominar Fidelidade. O que a fidelidade pode fazer é manifesto em algumas situações quotidianas. Eis uma selecção rápida de algumas delas: os seres humanos tem uma desconfiança grande de traduções feitas a partir de segundas línguas; o casamento é uma das instituições mais universais; a representação científica da natureza é considerada uma forma privilegiada de compreender o mundo em que os seres humanos vivem; o discurso jurídico procura obsessivamente o que de facto ocorreu; todos os povos do mundo têm respeito fiel pelas leis, quaisquer que sejam; todas as religiões exigem fidelidade a modelos fundadores, a figuras de referência, a mensagens e a textos sagrados e a rei-

teração de eventos primordiais; os cuidados de saúde contemporâneos parecem ter uma obsessão pela verdadeira natureza do homem; assim, uma dieta correcta é a que está de acordo com a natureza.

O que é mais espantoso nesta pequena lista de exemplos é o modo como a fidelidade irmana assuntos tão espantosamente diferentes. A aplicação da lei nos estados não tem nada a ver com a religião e esta não tem nada a ver com a descrição científica do mundo ou com a actividade banal de traduzir línguas estrangeiras! Como se vê, porém, não é nada evidente que umas actividades nada tenham a ver com outras. Pelo contrário, olhadas de certo ponto de vista, compartilham uma estrutura comum: a estrutura da fidelidade.

Muitos outros exemplos poderiam ser dados para mostrar que a fidelidade é uma estrutura importante na vida dos seres humanos. Se a força da fidelidade é enorme no plano dos factos, é ainda maior no plano do imaginário. Algumas das maiores obras literárias do Ocidente são elogios à fidelidade. Pense-se na *Odisseia*. Os prazeres das terras distantes, os prazeres do lótus, o prazer da aventura, o prazer extremo dos poderes mágicos dados pela feiticeira Circe e muitos outros são pouca coisa perante a ideia de regresso ao lar. O que significa regressar ao lar quando se teve os plenos poderes da magia? Numa primeira análise, parece significar uma escravidão maior do que a obediência à lei da gravidade. Ao que parece, os poderes da feiticeira Circe são bastantes para violar a lei da gravidade mas não parecem ter sido bastantes para impedir o regresso ao lar. Esta é uma dependência estranha.

Quase três milénios depois, o *Peer Gynt*, de Ibsen, é, também ele, um elogio ao regresso ao seio da mãe. Peer Gynt poderá viajar até ao Malabar, mas só será feliz no calor do seio materno. O imaginário sagrado não destoa muito destas obras profanas. Toda a mensagem sagrada é apelo ao regresso que o humano deverá fazer em direcção à sua verdadeira natureza, a primeira que teve, a que de facto sempre terá. O *Hino da Pérola* dos Gnósticos é um dos textos que melhor representam o apelo à fidelidade extrema. Em solo cristão, a Parábola do Filho Pródigo é o exemplo maior. O Filho Pródigo poderá conhecer todas as terras distantes mas só será feliz quando regressar à casa do Pai.

II

Quando se contempla o modo como a fidelidade estrutura a nossa vida, não é possível deixar de sentir uma vertigem. Talvez tudo esteja

errado na própria ideia de fidelidade e nos comportamentos concretos que faz nascer. Errado? Sim, tudo errado. É possível apoiar esta conjectura em dois argumentos.

A fidelidade e a infidelidade não são apenas ideias abstractas e comportamentos concretos. São acompanhadas de sensações subjectivas. A fidelidade transmite emoções de bem-estar e de conforto ao que a realiza; a infidelidade, pelo contrário, é acompanhada de sensações de mal-estar, de dúvida, de desconforto. Estas emoções não foram inventadas por ninguém e não são produtos industriais de nenhum indivíduo isolado. São tão naturais quanto o ciúme de um homem ao ver a sua companheira ser cortejada por outros homens; quanto o desejo intenso que as mulheres grávidas têm por alimentos raros; quanto o medo que as crianças têm do escuro e dos estranhos; quanto a repugnância pelos alimentos podres; etc.

Deste ponto de vista, as emoções associadas à fidelidade e à infidelidade não são invenção de ninguém em particular mas do passado evolutivo do *homo sapiens*. O facto de estas emoções serem parte do património mental que nos foi deixado em herança pelos nossos antepassados não significa que nada se possa fazer a seu respeito. O desenvolvimento das comunidades humanas fez com que muitas experiências subjectivas fossem contornadas. É razoável não fazer depender a vida social das emoções de ciúme ou de honra exacerbada, por exemplo. Muitas vezes não é a presença de emoções e de sensações subjectivas que causa problemas, mas a sua ausência. O desenvolvimento da técnica fez com que os seres humanos trilhassem caminhos que nenhum dos seus antepassados alguma vez trilhou. A aviação é um feito recente na história da espécie. A aceleração dos aviões e o facto de eles se poderem deslocar a zonas da atmosfera em que a falta de oxigénio e o frio poderiam matar qualquer ser humano faz com que a aviação não possa confiar minimamente nas experiências subjectivas dos pilotos. A evolução não dotou a espécie humana de indicadores de perigo para essas situações, nem de sensações negativas, nem de sensações positivas.

A vida doméstica manifesta em pequeno grau algumas destas situações. O gás, os produtos da combustão, os aquecedores que queimam oxigénio, etc., matam por vezes porque os seres humanos não têm sensações de perigo associadas a estas situações. Adormecer num quarto fechado em que um braseiro está a queimar o oxigénio é uma garantia de que as coisas não irão correr bem.

Existem muitas outras circunstâncias em que qualquer pessoa racional deverá *deliberadamente* suspeitar tanto da presença, quanto

da ausência de sensações subjectivas. Do lado da presença, o gosto pelo açúcar e pelos alimentos doces foi uma mais-valia no passado evolutivo. Os nossos antepassados gostavam de alimentos doces porque são uma importante fonte de energia. Nas sociedades contemporâneas em que o nível de riqueza é elevado faz todo o sentido desconfiar dos prazeres agradáveis que as pessoas sentem quando ingerem alimentos ricos em açúcar. Se se perspectivar o assunto do ponto de vista da obesidade e dos problemas cardíacos, o prazer associado ao açúcar mostrará a sua verdadeira face. Qual é ela? É a face do assassino impiedoso.

Do lado da ausência, as coisas não estão melhores. Um dos cancros mais mortíferos que existem é o do pâncreas. Por que razão é tão excepcionalmente mortífero? A estrutura do pâncreas é um prodígio de sucesso evolutivo. Os seres humanos podem viver sem noventa por cento do seu próprio pâncreas. Isto significa que necessitam apenas de dez por cento para que sejam saudáveis. Porém, o sucesso evolutivo do pâncreas é pago a um preço elevado. Se o cancro surgir no pâncreas, poderá desenvolver-se durante muito tempo sem que a pessoa sinta o que quer que seja e sem que o organismo dê sinais de que está a funcionar mal. Quando a pessoa tem consciência do cancro do pâncreas é demasiado tarde. O sucesso evolutivo deste importante órgão é pago a um preço terrível.

O caso está, pois, apresentado nas suas linhas gerais. Não é razoável aceitar pelo seu valor facial qualquer das sensações subjectivas que os seres humanos experimentam. O agradável pode ser mortífero; o doloroso pode ser salvador; o amoroso pode ser demoníaco; a ausência de sensações não é um sinal de que está tudo bem mas pode ser o sinal de que está tudo mal.

Algumas emoções e sensações subjectivas têm boa publicidade e parecem ser excepções a este panorama. O amor filial, o amor paternal, o amor dos cônjuges e dos amantes encontram-se neste caso. O amor e qualquer manifestação do amor parecem ser uma realidade sem duplo, apenas com parte de cima, apenas positiva, sem *dark side* algum. O amor parece ser um bem em si mesmo. Seria extraordinário que assim fosse. Tudo indica que o amor tem uma estrutura secreta tão evolutiva quanto o desejo das mulheres grávidas e quanto o gosto pelo açúcar. Os casais chineses que estão ao abrigo da lei do filho único assassinam milhões de meninas; ao que parece, o amor paternal não é o mesmo para filhos e filhas. No romance *A Escolha de Sofia*, de William Styron, quando a mãe teve que escolher entre a vida do filho e da filha, não teve qualquer dúvida e escolheu, obviamente, deitar a

perder a vida da filha. Nós também somos chineses. O amor é estranho e perigoso e deverá ser vigiado atentamente.

O altruísmo tem uma publicidade quase tão boa quanto a do amor. As pessoas que fazem actos altruístas têm a estima dos demais. O altruísmo parece ser, também ele, um bem em si mesmo. Tudo isto era totalmente evidente até aos anos cinquenta. Depois de investigações feitas na etologia, no comportamento animal, na psicologia evolutiva, na economia política, etc., o quadro deixou de ser agradável. A estima pública que o altruísta faz nascer é interesseira e não pode ser aceite pelo seu valor facial. Por que razão os bombeiros têm tanta estima das populações e por que razão estas não gostam de leprosos, *serial killers*, loucos e toxicodependentes? A razão é óbvia: o trabalho desempenhado pelos bombeiros é do interesse das populações e auxilia a sua sobrevivência, o que não acontece com qualquer dos outros grupos.

Em sede doméstica, tudo isto se aplica. O amor que se tem pelos filhos não é de modo nenhum semelhante ao que se tem pelos sobrinhos ou pelos primos em segundo grau. Família é família mas, curiosamente, o que é bonito no plano do discurso nunca é realizado na prática. A racionalidade do discurso bonito é mentirosa. As pessoas em situações concretas não têm excesso de dúvidas e as prioridades são claras.

Dito isto, o caso a respeito da fidelidade é, neste momento, claro. Apesar do modo totalitário com que a fidelidade governa a nossa vida, é oportuno desconfiar das emoções que lhe estão associadas. A fidelidade tem uma publicidade extraordinária. Valorizamos as pessoas fiéis. Existem cerimónias públicas que celebram os fiéis e que abominam os infiéis. Os militares, as associações de estudantes, os clubes desportivos, os aparelhos judiciais, os representantes políticos, etc., têm inúmeras manifestações de apreço pelos que são fiéis. As sanções pela infidelidade são terríveis. Em algumas profissões, as penas pela infidelidade são especialmente graves porque se sente que um elo precioso foi destruído pela traição. Um espião não é um soldado inimigo como os outros. A pena é muito mais dolorosa. Os espiões raramente têm a sorte dos prisioneiros de guerra. Os agentes policiais infiltrados quando são descobertos não são vistos como polícias iguais aos outros, mas como celerados que merecem a maior sanção possível.

O que é que a fidelidade oferece? O que é que a fidelidade impossibilita? Estas duas questões têm de ser respondidas por qualquer ser racional. A benefício da simplicidade, é possível responder desde já a ambas. A fidelidade oferece a morte. A infidelidade oferece a visão.

O comportamento fiel garante a continuidade, a estabilidade, a lógica terrível do mais do mesmo. A fidelidade no casamento, à pátria, à crença religiosa, ao clube de futebol, aos senhores deste mundo, às memórias que dão identidade e sentido à vida das pessoas, etc., têm um resultado final claro: vidas pacíficas que se aproximam confortavelmente da morte. A fidelidade engorda as pessoas.

O comportamento infiel não é confortável, nem pacífico, nem engorda. É doloroso, irrequieto e perigoso. Porém, por cada infidelidade há um bónus. A infidelidade revela um traço mais do universo grande e misterioso onde vivemos. A lógica do infiel é esta: quanto maior for a infidelidade, mais preciso é o desenho que se faz do rosto do mundo. A infidelidade deve ser praticada como um método de descoberta da vida. A fidelidade é perigosa, qualquer que seja o objecto de estima. A infidelidade é ainda mais perigosa. Nenhum dos caminhos é um bem em si mesmo. Ambos obrigam a que se pague uma factura elevada. Entre a morte e a visão, o que se há-de escolher?

O segundo argumento é de natureza racional. Ofereceu-se acima uma pequena colecção de exemplos da fidelidade nas sociedades. Basta seleccionar dois de entre eles para mostrar que não existe defesa racional possível para a fidelidade. O primeiro é mais doméstico; o segundo tem um alcance mais vasto.

Todos nos lembramos da desconfiança que temos perante traduções feitas a partir de traduções. Alguns editores são criminosos culturais que não querem saber das desconfianças dos leitores. Como é mais barato fazer traduções do francês ou do inglês, do que do chinês, do grego ou do árabe, muitas obras clássicas chegam aos leitores através de traduções de traduções; por vezes, até, de traduções de traduções de traduções. Não há professor universitário que não alerte os seus estudantes contra estas traduções abjectas, como se de um grande perigo se tratasse. Curiosamente, não há nenhum argumento racional que demonstre que uma tradução de um texto chinês para árabe e desta língua para inglês e desta para português seja obviamente melhor do que uma tradução directa do texto chinês para português. A fidelidade não gosta de intermediários; o seu amor obriga à exclusividade. Existem argumentos célebres que apoiam a ideia de que não há traduções perfeitas pela simples razão de que não podem existir. A expressão 'tradução perfeita' é uma contradição nos termos.

Tome-se a situação que mais agrada aos afectos da fidelidade: a tradução de língua a língua. Os grandes textos da humanidade são traduzidos obsessivamente. Os Poemas Homéricos já foram traduzidos dezenas de vezes; não importa, existirá sempre alguém que virá propor

uma nova tradução. A Bíblia é a recordista deste desporto. As bibliotecas já têm Bíblias quanto basta, mas não adianta nada, porque haverá sempre alguém ou algum grupo que afirmará que a sua tradução é melhor. Perante este espectáculo notável, fica-se a pensar que alguma coisa está fundamentalmente errada com a racionalidade que organiza a tradução. O que está errado é a obsessão pela fidelidade. Se existem cem traduções portuguesas de um texto grego, feitas ao longo da história, é absurdo afirmar que todas elas são melhores do que uma tradução portuguesa desse texto feita a partir de uma outra tradução francesa desse texto. É óbvio que esta última tradução pode ser muito melhor do que qualquer das cem traduções.

Existe um modo intuitivo de provar este ponto. As línguas não categorizam os objectos do mesmo modo. Uma língua pode ter termos para objectos que são desconhecidos por outra língua. É óbvio que nem as línguas ameríndias, nem o grego antigo, nem o português de Eça de Queirós tinham a possibilidade de traduzir a palavra 'telemóvel' pela simples razão de que esse objecto não existe para os falantes dessas línguas. Um texto que mencione telemóveis só poderá ser traduzido por intermediações parafrásicas, isto é, criando micro-histórias que descrevam sucintamente algumas propriedades do objecto em questão. Não existe nenhum modo canónico de fazer micro-histórias. O assunto depende da criatividade. Uma tradução feita numa língua a partir de dezenas de traduções de línguas intermediárias pode, pois, ser mais fiel do que uma tradução de língua a língua.

A dificuldade em compreender este ponto depende de uma das características da fidelidade, que é a arrogância. O tradutor fiel assume que é absolutamente evidente que uma tradução pode sempre acontecer. Curiosamente, existem argumentos racionais que demonstram que nem sempre as traduções podem ser realizadas. Eis um deles, de natureza computacional.

Se as línguas a traduzir forem muito pobres em vocabulário, é difícil encontrar termos para designar objectos comuns. Para que a tradução possa acontecer é necessário que as línguas tenham vocabulários muito ricos. Pela lógica deste argumento, a tradução deverá exigir línguas com colecções vocabulares cada vez maiores. A tradução de textos em Basic English para Português Elementar ou para obras literárias em português não é satisfatória. Porém, se o vocabulário inglês constituísse uma colecção de mais de mil milhões de vocábulos, é certo que os recursos racionais de um tradutor não seriam suficientes para correr toda a colecção à procura do vocábulo mais adequado para uma determinada tradução. O retorno seria menor do que o

investimento ou, mesmo, inexistente. Para que a tradução seja possível, a colecção do vocabulário não pode ser nem demasiado pequena, nem demasiado grande. Com vocabulários de dimensão média, o que se ganha é a possibilidade de tradução sem que o custo dessa tradução seja demasiado elevado.

As traduções entre as línguas naturais não acontecem porque, pura e simplesmente, os falantes desejam comunicar. Os falantes poderiam desejar comunicar com a máxima intensidade sem que esse desejo se pudesse realizar. A tradução acontece *apesar* do desejo dos falantes. No passado remoto dos seres humanos, é possível que esse desejo tenha existido sem que as traduções pudessem acontecer porque as línguas que falavam não possuíam a diversidade vocabular correcta para que pudessem existir traduções. A actividade de tradução tem constrangimentos computacionais. Com conjuntos vocabulares demasiado pequenos e demasiado grandes não há tradução. Conjuntos vocabulares de tamanho intermédio não garantem por si mesmos que se possa realizar uma tradução perfeita.

Esta é a situação doméstica e de pequena escala. Não existem traduções insusceptíveis de melhoria mas apenas interpretações. Estas interpretações não dependem da subjectividade do tradutor. A língua portuguesa do tempo de Camões alterou-se tanto que um dos motivos porque fazemos traduções de textos já traduzidos deve-se ao facto de as línguas se alterarem ao longo do tempo. Mil anos de Idade Média fizeram com que o conhecimento da religião popular se perdesse por completo. Com os impérios coloniais nascidos no século XIX, as sociedades ocidentais voltaram a encontrar ritos xamânicos e outras manifestações de religiosidade popular. Um texto grego que mencionasse os Coribantes, as Ménades, a vida dos Centauros e o culto de Dionísio não poderia ter sido traduzido em qualquer língua europeia do Renascimento. Não podia ser traduzido porque os objectos a que se referia eram invisíveis para a mentalidade do tradutor. Quando as sociedades ocidentais ultrapassaram os preconceitos medievais e inquisitoriais, os textos antigos revelaram quase tudo o que sempre esteve neles.

É possível ampliar esta pequena situação doméstica de modo a conseguir um panorama amplo. A ciência está obcecada com a ideia de fidelidade. Deseja fazer a representação mais fiel do mundo, tão fiel que seja uma tradução perfeita do próprio mundo, que entre representação e mundo não existam quaisquer intermediários. A ciência perfeita seria um mapa de Borges, em que cada linha do mapa é a própria realidade.

A ciência tem uma boa publicidade. As pessoas gostam de estar na proximidade da ciência. Esta boa publicidade deriva da fidelidade que assombra a ciência. A ciência também deseja a fidelidade máxima e entedia-se quando as traduções têm intermediários. O que é mais espantoso no discurso em torno da ciência é a absoluta incapacidade de ver que a ciência não funciona. Quando compramos electrodomésticos que não trabalham bem, voltamos à loja para reclamar. Sentimo-nos, legitimamente, defraudados. Aceitaríamos com ofensa que o vendedor nos dissesse que deveríamos voltar a gastar dinheiro na compra de outros electrodomésticos, e assim sucessivamente.

Como é possível que a ciência não funcione? É raro que alguém se confronte com esta questão pela simples razão de que os organismos estatais e privados que vivem à sombra da ciência já compraram as vontades de tal forma a que a ciência é sempre vista em tons positivos. O mais modesto dos objectos da natureza escapa ao entendimento. Francamente, já deveríamos saber tudo quanto há a saber sobre eles mas, curiosamente, há sempre alguém que aparece que afirma que tem uma teoria melhor, isto é, que faz uma tradução mais fiel da língua da natureza. Haja paciência para tantos mentirosos simpáticos e sábios. Os cientistas são simpáticos e sábios, obviamente, mas isso não impede que sejam também os maiores mentirosos da humanidade.

Tome-se um objecto de inquérito científico que *sempre* decorou a vida dos seres humanos: as estrelas do céu. As estrelas sempre lá estiveram; então, como é possível que ainda não se tenha uma teoria final, derradeira e insusceptível de melhoria sobre elas? A resposta é esta: século e séculos de teorias astronómicas são séculos de mentiras, em que cada mentira é apresentada debaixo da luz quente da fidelidade e da tradução perfeita. Cada teoria é proposta em cada época com o engodo de que oferece uma representação mais fiel da realidade. O engano é o de que a linguagem da teoria traduz com perfeição a linguagem em que está escrito o livro da natureza. Uma colecção de mentiras não aproxima ninguém da verdade. É isto que é a ciência: uma enorme colecção de mentiras. É claro que a fidelidade policia os nossos sentimentos. Como a fidelidade é um polícia impiedoso, em vez de dizer 'colecção de mentiras', dizemos 'história das ciências' ou 'progresso inevitável', ou qualquer expressão cujo fim é o de branquear a completa inutilidade do assunto.

Se se substituir as estrelas por qualquer outro objecto da investigação científica, o resultado será semelhante. Este exercício pode ser feito com objectos médicos. Os seres humanos sempre tiveram corpos e doenças e saúde e morte. Séculos de medicina alteraram significati-

vamente este panorama? Já somos todos imortais? Somos tão crédulos que deveria ser inventado um Prémio Nobel da Credulidade. A nossa credulidade não tem fim. Vinte e cinco séculos de medicina não alteraram o que quer que seja. Continuamos a morrer como cães atropelados na estrada. Esta é a verdade.

Procuramos a teoria científica mais fiel que existe sem repararmos que a fidelidade é um mal. Boa parte das ciências faz a triste figura da astronomia e da medicina porque adoptou uma teoria da tradução baseada na fidelidade.

III

O que se segue são pequenas regras de higiene metodológica.

Uma ciência baseada numa teoria da tradução alternativa tem de compreender um primeiro aspecto da fidelidade – a sua malignidade. A culpa por associação denuncia este aspecto da fidelidade. Repare-se no seguinte: os cultos exigem fidelidade aos crentes; os estados exigem fidelidade aos cidadãos; o casamento exige fidelidade aos cônjuges; a ciência exige fidelidade na representação da natureza; a tradução das línguas exige a fidelidade do sentido; etc. Cada uma destas manifestações de fidelidade tem patologias associadas. Quanto mais essas manifestações são extremas, mais evidente se torna discernir uma regra geral da fidelidade. É esta: quanto mais fiel, mais próximo da morte. A boa publicidade civilizacional da fidelidade faz com que esta característica seja de apreensão difícil. Basta, porém, reparar na monotonia do comportamento fiel. O fundamentalismo religioso é uma estrada perfeita para a morte. Quanto mais fiel à crença religiosa, mais a morte se torna a opção doce. Todos os dias assistimos em nossas casas ao espectáculo do bombista suicida em Bagdade, Jerusalém, Madrid ou Nova Iorque. Poderíamos acrescentar milhares de manifestações passadas de fundamentalismo de todas as religiões. Por que razão a morte é tão doce e fácil para o cruzado, para o fundamentalista ou para o kamikaze? Bem, porque é fiel e essa fidelidade tornou-se um cancro que corroeu todo o seu espírito.

Nas patologias menos extremadas da fidelidade existem, ainda assim, sinais que antecipam a sua vocação de morte. As teorias ráticas do século XIX e início do século XX, ao defenderem a necessidade de um apuramento das raças de modo a que estas se aproximem com fidelidade de um modelo fundador, conduziram aos desastres conhecidos. Mais uma vez a fidelidade foi mentirosa porque os híbridos

parecem ser mais saudáveis do que os indivíduos fruto do cruzamento interior aos grupos. Se todos os indivíduos biológicos fossem fiéis, não existiria no mundo o espectáculo maravilhoso da diversidade biológica. A diversidade abomina a fidelidade; se a primeira nos dá a beleza do mundo, o que nos dará a segunda? Toda a diversidade biológica está apoiada em erros de transcrição do código genético. A beleza do mundo é filha do erro e é ao erro que tudo devemos. Se existisse fidelidade biológica, a evolução não teria ultrapassado os níveis elementares. Seríamos todos moneras ou procariotas.

Algumas manifestações da fidelidade parecem simpáticas. Pense-se em fenómenos como o politicamente correcto, a cidadania, ou a monogamia. É óbvio que são aparentemente simpáticas. Porém, o que escondem? Qualquer destas manifestações de fidelidade esconde uma promessa de morte. A simpatia é paga a um preço elevado. A correcção política, seja o que isso for, produz uma caricatura que faz sorrir. A caricatura é a da vida pequenina que poderia ser ampla como o mundo. O bom cidadão, por seu lado, quanto melhor for, mais digno de lástima. O cumpridor das leis, o que paga os impostos a tempo e horas, o homem da cidade não tem espaço na sua vida para nada mais. Alguém conhece um bom cidadão com vontade de ler Mestre Eckhart ou Angelus Silesius? A única paixão do bom cidadão é a dos objectos pequeninos, das emoções pequeninas, dos amores pequeninos e dos livros pequeninos. E o bom cônjuge, já que a monogamia é uma manifestação da fidelidade? Talvez a literatura nos possa auxiliar. O amor trovadoresco não era, indubitavelmente, monogâmico, nem o das *Afinidades Electivas* de Goethe, nem o das telenovelas contemporâneas. A fidelidade é a morte do amor que, por natureza, é infiel. A fidelidade está para o amor, assim como o estado está para a revolução. Não há país que aguente uma revolução a toda a hora. O glaciador do estado tem de arrefecer o vulcão da revolução. A monogamia é também um sistema de arrefecimento; quando se instala, vê-se logo o fim do caminho.

Esta proximidade de assuntos diferentes é estranha. As suas raízes encontram-se na crença de que existe uma fidelidade original. Porém, não há fidelidade original. Os sentidos parecem representar a natureza tal como ela é. O céu é azul; a água dos rios é fria; a neve é branca. A percepção é a base de todas as teorias da fidelidade. Porém, nada há mais enganoso do que a percepção. Nada é azul no mundo; nada é frio; e nada é branco. Os seres humanos caminham pela natureza como se transportassem um escafandro cujo interior está cheio de imagens. Quando algumas dessas imagens auxiliaram a sobrevivência, os nossos antepassados tenderam a considerá-las como reais. A percepção é

alucinatória porque nenhuma das suas partes é uma parte da natureza. O vermelho é tão subjectivo quanto o sabor do chocolate, quanto o frio, quanto a dor, e quanto o ciúme.

Boa parte do imaginário humano tem uma estrutura de queda. São inúmeros os mitos de paraísos perdidos, de idades de ouro, do tempo dos sonhos, *Dreamtime*, como dizem os aborígenes da Austrália. O número destas narrativas é tão elevado que pode ser considerado quase exclusivo, isto é, o imaginário humano dificilmente desejará abordar outros assuntos que não o das histórias que nos ligam a passados maravilhosos. Mesmo um país modesto como Portugal está cheio de idades de ouro, de narrativas sobre o prestígio das origens.

Estas narrativas tinham sentido até ao século XIX. Hoje, sabemos que os seres humanos não derivam de uma idade de ouro passada mas que estão a caminho de uma idade de ouro no futuro. A visão evolutiva dos seres humanos lembra a litografia *Libertação*, de Escher. Na parte de baixo da litografia estão formas geométricas simples; na parte de cima, pássaros a voar. Boa parte das histórias que sempre contámos uns aos outros irmanam o presente a um passado que exige respeito. Seres em evolução, cada vez mais complexos, não devem respeitar o passado porque são construtores da sua própria idade de ouro.

A terceira regra é a de atenuar a obsessão pela fidelidade sem intermediários. Esta obsessão é semelhante à das traduções directas de língua a língua, que se referiu acima. Talvez seja interessante colocar línguas no meio. O que se pode conseguir com isto?

Voltemos a um dos exemplos acima dados. Como poderemos ter uma astronomia mais perfeita sem acrescentarmos mais uma mentira à colecção de mentiras? O fantasma da fidelidade supõe que uma teoria verdadeira sobre as estrelas só tem a ver com as próprias estrelas. Este é um exemplo da obsessão pela fidelidade no seu melhor. Esta obsessão é acompanhada por preconceitos metodológicos aparentemente evidentes. Parece ser absolutamente evidente que o estado actual de um objecto só depende de estados anteriores. Coloquem-se línguas de intermediação neste assunto. Pode dar-se o caso de uma teoria verdadeira sobre as estrelas tenha a ver com o futuro, e não com o passado. Por exemplo, se soubéssemos responder à questão 'O que estão a fazer as estrelas no nosso universo?', talvez conseguíssemos melhores teorias. Não são colocadas questões deste tipo porque apressadamente já temos uma teoria sobre o que é ou não relevante no inquérito científico. É, aparentemente, evidente que as estrelas do céu não têm nada a ver com as ondas suaves de uma praia da Jamaica.

Pode dar-se o caso de não ser nada evidente o nexos entre estrelas e praias jamaicanas. Diremos, adoptando um ponto de vista científico, que falta relevância nesse nexos. Pode-se mesmo dizer que a ciência tal como a conhecemos se desenvolveu quando abdicou da tarefa de formular nexos desse tipo. As nossas ciências já não discernem nos fenómenos naturais portentos ou sinais sobre o resultado de uma batalha. Foucault, em *Les mots et les choses*, explicou muito bem como é que os objectos científicos se tornaram positivos, isto é, autónomos em relação a este tipo de nexos.

O espanto é, porém, mais profundo. É este. Se ainda não temos teorias últimas, absolutamente fiéis sobre os objectos naturais, outros termos, se estamos sempre a mentir na compreensão que temos da natureza (dizendo, é claro, que estamos a progredir...), como é que nos permitimos o luxo suspeito de afirmar que esses nexos são irrelevantes? No limite, é claro, pode dar-se o caso de uma descrição das praias da Jamaica que fosse suficientemente longa tenha como uma parte menor o código numérico que explica as estrelas do céu. Se um macaco bater nas teclas de uma máquina de escrever durante um período de tempo suficientemente longo (por exemplo, o tempo de vida do universo, ou mais do que esse tempo), é provável que o macaco consiga escrever o delicioso soneto de Camões, 'Erros meus, má fortuna, amor ardente'. Uma parte do código binário das batidas na máquina de escrever pode conter o código binário dos versos desse soneto. Esta é uma verdade trivial. Porém, a sua aplicação a larga escala é extremamente onerosa porque depende de avaliações do que é relevante e do que não é relevante.

Neste exemplo está igualmente presente uma avaliação de relevância. Mais, para que a aproximação entre estrelas e praias da Jamaica pudesse acontecer, foi colocada uma língua intermédia entre as duas realidades: o código binário. A certa altura já não está em causa a aproximação entre estrelas e praias mas entre a representação numérica de estrelas e a representação numérica de praias. Não desejando ser fiel, continuamos a ser fiéis. Este é um dos paradoxos da racionalidade humana.

O segundo exemplo é, igualmente, inquietante – o da medicina. Um ponto a não olvidar é o de que é possível resolver problemas complicados quando outros problemas são reconfigurados. Esta não é a falácia da multiplicação dos problemas, nem a falácia da distração, em que, para se evitar a dificuldade de uma determinada questão, se acrescentam muitas outras dificuldades, de tal modo que a primeira perde relevo. Por exemplo, não é razoável defender que a única forma

de combater as doenças é estudar os agentes patogénicos. Pelo contrário, muitas doenças deixam de ter qualquer interesse porque a investigação em áreas que não têm nada a ver com agentes patogénicos retira importância a muitas doenças. O saneamento e a higiene pública podem ter contribuído mais para a história da saúde dos povos do que aturadas investigações sobre os próprios agentes patogénicos. É possível imaginar que todas as doenças desaparecessem sem que os agentes patogénicos tivessem sido investigados porque, por exemplo, os povos alteraram os seus comportamentos, formas de organização política, crenças religiosas, escalas de valor e conhecimentos técnicos.

Supor que os problemas só podem ser resolvidos através do domínio dos próprios conteúdos dos problemas é uma ingenuidade metodológica; muitos problemas são resolvidos quando problemas com os quais nada têm a ver são melhor explicados. Não há, além disso, teorema de exclusividade que demonstre quais são as áreas que podem contribuir para a solução de um determinado problema. As estruturas económicas de uma sociedade podem ser mais relevantes para o estado de saúde dessa sociedade do que toda a investigação alguma vez feita em medicina. Os Estados Unidos são o país que mais investe em investigação médica e farmacológica mas ocupa um modesto lugar no nível de saúde da sua população. Um hipotético teorema de exclusividade faria parte de uma teoria normativa da racionalidade humana e, por isso mesmo, é improvável que tenha sentido. Não é possível determinar *a priori* o que é e o que não é relevante para um determinado assunto. Se existisse uma teoria normativa, seria possível fazer isso. Nada indicia, porém, que seja possível. O controlo do que é e do que não é relevante para a explicação de algum assunto é conquistado arduamente e, infelizmente, muitas vezes defendido com zelo excessivo.

O que é que, neste exemplo, é uma manifestação da ciência obcecada com a fidelidade? A resposta é evidente: a ideia de que a saúde depende apenas da investigação médica. Isto não é nada evidente. Se disciplinas que não têm nada a ver com a saúde não se tivessem desenvolvido, de pouco serviria a melhor medicina. Que disciplinas? A lista é longa: urbanismo, saneamento, práticas de higiene, padrões de comportamento, vida erótica, ética, crenças religiosas, etc. Se se levar a melhor medicina do Ocidente para África, é pouco provável que ela se torne relevante. O saneamento público fará os milagres que os TACS e os fMRIs não farão.

Por que razão a nossa ciência deverá abandonar a velha teoria da tradução e o mito da fidelidade? É possível descrever um cenário em

que tudo isto faz sentido. O cenário é este. O mundo é como a nossa despensa, ao lado da nossa cozinha. Se o mundo fosse a nossa despensa, talvez fosse possível esgotar a certa altura os objectos porque o seu número é muito pequeno. Porém, o mundo não é uma despensa porque os objectos são infinitos e, pior do que tudo, existem novos objectos que não existiam em momentos anteriores. Alguém que fizesse a história do mundo no tempo de Júlio César não poderia ter incluído o vírus Ebola, os computadores, os filmes de Hollywood ou a economia japonesa.

O mundo em que vivemos produz constantemente novos objectos e é pueril acreditar que as ciências podem rivalizar em compreensão com a velocidade de aparecimento de novos objectos. Os princípios da racionalidade humana são tão velhos e estáveis no mundo quanto a função da hemoglobina no sangue, ou a existência de código genético no núcleo das células. A racionalidade movimenta-se sobre um solo em permanente mutação. É improvável que seja bem sucedida.

A relação da mente humana com os objectos de investigação científica não é uma relação de proprietários. A analogia que melhora capta é a de predadores e de presas. A racionalidade humana é predatória e é um feito resultante do passado evolutivo. Pensamos bem ou mal, assim como os homens sentem ciúme e as mulheres grávidas têm desejos de alimentos raros. A relação entre predadores e presas impossibilita que os primeiros possam dominar as segundas. Os primeiros evoluem, assim como as segundas também evoluem. A evolução dos predadores depende da evolução das presas. Neste cenário, não há fidelidade possível. O que é objecto, altera-se; as ferramentas com que se compreendem os objectos também se alteram. A racionalidade humana não é um objecto privilegiado no mundo dos objectos; é apenas mais um.

Uma das melhores ilustrações de como podemos fazer ciência sem que a fidelidade nos atormente denomina-se o Princípio de Baldwin. O que é isto? Bem, num resumo rápido, é uma explicação de como o mundo se torna progressivamente um sítio com maior complexidade e com maior número de objectos. Todos nos lembramos do tempo mágico em que não existiam telemóveis. Não foi há muito. Também nos lembramos de um tempo posterior em que produzimos discursos sobre a inutilidade dos telemóveis e sobre as notáveis excepções que as nossas próprias pessoas são por não precisarem de telemóveis. Não adiantou nada. O mundo alterou-se de tal modo que quem não tem telemóvel deixou de estar numa situação igual à do tempo em que ninguém tinha telemóvel. Nesse tempo, isso não fazia diferença. Hoje, não

ter é um forte argumento contra o sucesso e a sobrevivência do indivíduo. O mundo conta que se tenha telemóvel, tal como o estado já conta que os cidadãos tenham acesso à internet. O que significa isto?

Isto significa que as ferramentas humanas para habitar o mundo e para fazer sentido sobre o mundo se tornam facilmente caricaturas históricas. Não há forma de ser fiel ao mundo porque o mundo está permanentemente a inventar-se a si mesmo. O mundo é o espectáculo mais vasto que existe e ser fiel a ele é mentir-lhe. Onde está o telemóvel, podemos colocar tudo o que é relevante nas nossas vidas: saúde, doença, sociedade, técnica, natureza, etc.

Não há forma inteligente de alguém desejar ter um corpo 100% natural e não tomar as vacinas dos planos nacionais de vacinação. Se não tomar vacinas for a opção individual, o indivíduo estará a fazer um mau favor a si mesmo porque, entretanto, os agentes patogénicos já evoluíram e preparam-se a todo o instante para combater em indivíduos com resistências aumentadas por vacinas e outros fármacos. Alguém que aconselhe que os seus filhos não sejam vacinados está a defender tacitamente a fidelidade a uma vida saudável, mais próxima da natureza; o pior é que também está a hipotecar as suas hipóteses de sobrevivência.

O que é válido para telemóveis, vacinas e fármacos, é válido para todos os objectos de conhecimento. Os sistemas de educação são especialmente responsáveis pela perpetuação da fidelidade. Uma boa educação continua a ser fiel, qualquer que seja a forma velada de expressar essa ideia: uns cursos são mais importantes do que outros, umas disciplinas são mais nucleares do que outras, alguns conhecimentos devem ser perpetuados enquanto que outros deverão ser passados por alto, etc. A ideia de fidelidade na educação lembra as duas braças de profundidade do rio que deu origem ao nome do escritor Mark Twain. Acreditamos que o barco da vida do jovem não encalha nos fundos dos rios traiçoeiros porque a educação lhe oferece um medidor de profundidade de duas braças. E, assim, o jovem vai confiante pela vida acreditando que tem uma corda de duas braças sempre à mão para identificar o perigo. Não há educação que nos possa proteger do que quer que seja. Oferecemos uma corda de duas braças aos jovens, sabendo perfeitamente que o rio da vida sobe permanentemente e que nele essa corda não vale nada.

O Princípio de Baldwin mostra que um capital de conhecimento que cada um tem, e que cada sociedade tem, é uma corda de duas braças. No tempo dos vapores do Mississipi talvez fosse importante; agora é uma curiosidade histórica. Não há conhecimento que possa-

amos amealhar para um dia de dificuldades porque tudo aquilo que os outros seres humanos estão a fazer altera o que é opção privada e individual.

O erro monumental da fidelidade deriva de se pensar que os cenários de agente único são os que melhor descrevem a vida dos indivíduos. Vivemos num mundo com cenários de agentes múltiplos. Isto significa que não há forma de sermos fiéis. Suponha-se uma daquelas profissões que transportam o fardo de fidelidade a um conhecimento antigo. O exemplo mais adequado é o dos professores de clássicas. É uma grande inocência afirmar que há fidelidade nas clássicas. O que os classicistas contemporâneos sabem sobre Gregos e Romanos é muito melhor do que sabiam classicistas notáveis do século XIX. Porquê? Os textos antigos não se alteraram, a história dificilmente pode ser reescrita. Maior exemplo de fidelidade não é possível. Porém, que grande ingenuidade! O século XX viu os homossexuais lutarem pelos seus direitos; um classicista contemporâneo pode ter maior sensibilidade a textos antigos sobre essa classe de comportamentos. Ler a poesia de Safo ou o *Contra Timarco*, de Ésquines, com uma mentalidade vitoriana é não perceber nada dos textos. Talvez seja melhor ver as gravuras de Tom of Finland para perceber alguma coisa do *Contra Timarco*. Algumas experiências antigas precisaram de vinte e cinco séculos para terem audiência e serem compreendidas e outras aguardam que o futuro faça nascer os olhos que as compreenderão. Não é possível ser fiel nem no mais conservador dos assuntos académicos. Um evento *posterior* altera o significado do que estava já petrificado pela história. É óbvio que Dachau, Teresienstadt, Auschwitz-Birkenau, e tantos outros lugares alteraram o sentido que podemos atribuir a eventos passados. Num mundo em que o futuro altera o passado permanentemente, não é possível ser fiel ao que quer que seja.

Se este é o caso, a que se deve a imagem de sucesso das ciências? Se compreendemos miseravelmente pouco de tudo, donde é que veio a ideia de que compreendemos tanto e tão bem? A ilusão de compreensão não deriva de facto da própria ciência, ou, pelo menos, deriva marginalmente. O que parece decisivo é a velha actividade técnica. Do mundo, compreendemos apenas o que alteramos. Esta é a origem da ilusão de que sabemos muito de tudo, quando é racional que não sabemos nada de tudo. Alteramos o mundo e os seus blocos e essa actividade faz nascer uma convicção pueril: a de que essa alteração é significativa. Talvez não seja mais significativa do que um jogo de crianças. Avaliando o assunto pela vida dos seres humanos, mesmo que sejam inteligentes como von Neumann e ricos como Bill Gates,

caminham todos para a morte que tanto atormenta um traficante colombiano, quanto atormentou Aristóteles. Deste ponto de vista, a ciência não vale, nem valeu alguma vez, absolutamente nada. Poderíamos ter vidas melhores e ser muito mais felizes de outras formas.

A essas vidas melhores e a essa felicidade poder-se-ia chamar Visão. Qual a receita para a visão? Só conhecemos pequenas, pequeninas vidas fiéis. Se é tudo o que conhecemos, o melhor é fazer o contrário. A infidelidade deve ser adoptada como método de descoberta do mundo.

Patrocínios:

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, INOVAÇÃO E DO ENSINO SUPERIOR



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA